

MIGUEL CARLOS CORREIA PAES



Prestamos hoje a nossa homenagem de consideração á memoria do notavel portuguez que acaba de fallecer.

E é esta a denominação que precisamente lhe cabe: notavel portuguez!

E portuguez sincero, portuguez dedicado, portuguez prestimoso, que consumiu toda uma longa vida de trabalho laborioso, de lida ininterrupta, de estudo persistente na conquista do seu ideal fanatico, que cra o engrandecimento de Lisboa.

Fructos da sua intelligencia e do seu trabalho, ficaram por ahi alguns melhoramentos que são o attestado do seu valor.

E o futuro se encarregará de demonstrar ainda que Miguel Carlos Correia Paes, longe de ser um utopista, como alguns contemporaneos lhe chamavam, foi antes um talento benemerito, como a posteridade reconhecerá.



Acaba de passar por Lisboa o benemerito abuliccionista Joaquim Nabuco, um dos mais eminentes, conceituados e sympathicos vultos do imperio do Brazil.

Joaquim Nabuco é uma d'essas raras organizações intellectuaes onde o talento floresce na exuberancia d'uma vegetação excepcional; um d'esses corações amantissimos abertos a todas as dôres, sangrando por todas as desventuras!

Espirito illustrado, palavra fluente, intelligeneia pujantissima, Joaquim Nabuco occuparia hoje na côrte do Brazil òs logares mais proeminentes, se à sua alma gentil e compadecida não apprazesse mais um logar obscuro mas delicioso no coração de todos os que padecem.

É essa a grande conquista de Joaquim Nabuco, a quem o Brazil deverá chamar: O redemptor da escravatura.

Por ahí...



O julgamento das parteiras constituiu o successo da semana. Um successo importante, e tão importante que nem menos de quatro parteiras assistiram a tal *successo!*

A extraordinaria delonga no julgamento d'este processo fazia rosnar a muitos que, para tal processo, se empregara o processo da agulha de *crochet* abortativa, che-

gando a aventar-se que os autos judiciaes se haviam *desmanchado* á força de chá de tilia e de cravagem de centeio, como qualquer feto de dois mezes.

Emfim, o processo das crianças abortadas lá veio á luz ao cabo de 18 mezes—o tempo sufficiente para qualquer criança nascer... com força dupla.



D'este singular processo das parteiras—singular não, porque vac haver outro no dia 24;—diremos pois: d'este plural processo das parteiras, alguma coisa de curioso ha a apurar, que nos não parece despropositado estampar aqui em letra redonda, para conhecimento, illustração, recreio, e quem sabe mesmo, se para *governo* do leitor...

Por exemplo: uma das réas accusadas de se deixar *operar*, declarou que tivera o seu mau successo não causado pela operação, mas motivado por um trambolhão que dera pela escada.

Isto é perfeitamente admissivel, intuitivo mesmo, uma vez que é profundamente scientifico, segundo o lemma da homeopathia, e conforme até com o prologo popular que diz que «a mordedura do cão se cura com o pello do mesmo cão.»

—O que succedera á ré, antes do chocolate do seu estado interessante?

—*Escorregára* no caminho da virtude, tombando para o outro lado.

—Ora que medicamento se deve applicar, segundo a homeopathia, para qualquer se curar d'uma *escorregadella?*

—Evidentemente, em cima da *escorregadella*, um *trambolhão*.

Foi o que ella applicou e deu-se bem, como ficou provado...



Uma outra ré, parteira, accusada de promover abortos, temos a certeza de que, se foi ao tribunal, é porque metteu requerimento á policia para que a incluisse no processo.

A ideia d'ella, foi fazer um réclame á sua industria, um réclame eficaz, um réclame á americana, d'estes que conquistam publicidade em meia hora, impondo-se á attenção publica pela sua extrema originalidade.

E o caso é que o conseguiu!

Perguntada pelo meretissimo juiz se era verdade promover abortos, respondeu com toda a sinceridade que sim, que costumava fazer isso, que nunca puzera du-

vida em fazel-o, nem punha, nem poria, dando a entender que mesmo ali, no tribunal, não teria esmerpulos em operar o meretissimo juiz e o proprio official de diligencias, á falta de melhor, e que, uma vez cá fóra, de futuro, se acharia disposta a fazer abortar este mundo e o outro—contanto que os fetos não excedessem o segundo mez de gestação.

E ella cá está fóra e com o réclame feito, o que quer dizer que vac fazer abortar este mundo e o outro!

E' o fim do mundo, annunciado ha tempos pelo sábio hespanhol.

E' o fim do mundo com residencia effectiva e cruces á porta n'um primeiro andar da rua Nova da Palma!



O mais curioso, porém, de tudo quanto se passou n'aquelle julgamento, foi uma declaração feita pela parteira Soledade.

Declarou ella que nunca, jamais, em tempo algum, praticara abortos—nem mesmo em pensamentos—e que, se declarára na policia a sua cumplicidade em taes actos, foi porque um sr. commissario—não sabemos qual, nem isso vem ao caso—um senhor commissario lhe aconselhou essa confissão, como unico recurso, mediante o qual seria posta em liberdade, desentaldando ao mesmo tempo a policia que se achava comprometida no negocio; e que elle commissario até se comprometteu a arranjar-lhe advogado, e, *documentando* a sua promessa, até jurara pela saude d'um filhinho que a respectiva esposa estava para dar á luz!

Esta assombrosa declaração seria falsa? Seria verdadeira?

—Onde está a verdade? Como diria o rei da *Pericole*...

Parece-nos que ha um meio simples de fazer luz sobre o caso: é aquella phrase do juramento do sr. commissario, accidentalmente citada pela ré. Aquella phrase é o fosforo para fazer a luz!

Basta saber-se se a ex.^{ma} esposa do citado commissario estava ou não no seu estado interessante, ao tempo da supposta declaração.

Se não estava, a declaração é falsa.

Se estava, então é verdadeira, porque não supomos que a ré se achasse em tão boas relações de amizade com aquella senhora que até soubesse do seu estado... Adivinhar, tambem não adivinhava... E, ainda quando o soubesse, ou o adivinhasse, a citação de tal facto, feita propositadamente no intuito de dar vulto á sinceridade da declaração, denotava tal agudeza de espirito na pessoa da ré que até fazia gosto vel-a deixar-se de parteira para exercer o lugar de commissario de poli-



Nós estimariamos sinceramente que fosse verdadeira a declaração da ré, porque essa declaração viria a provar coisas muito lisongeiras para o nosso paiz:

1.^a—Que somos um povo tão pacato que ninguem é capaz de espetar um alfince n'uma mosca morta, quanto mais uma agulha de *croche!* n'uma creança viva.

2.^a—Que temos uma policia tão activa e tão trabalhadora que, para não estar sem fazer nada, até inventa crimes de *desmanchos*, que o tribunal se encarrega de desmanchar.

3.^a—Que a referida policia, não contente de inventar os crimes, até fabrica por sua conta e risco os respectivos criminosos, adestrando convenientemente va-



LUIZ XI

NO THEATRO DE D. MARIA



O GRANDE ACTOR
JOÃO ROSA



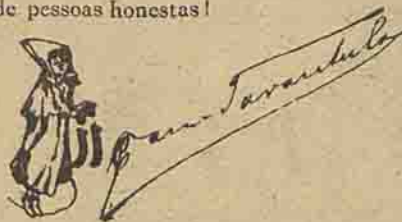
UMA SCENA DE MANINA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O proprio Luiz xi, se visse João Rosa desempenhando o seu personagem, era capaz de lhe mandar cortar o cabeça—para se ver livre do mais temivel dos rivacs.

rias pessoas honestas no papel de facinoras e fornecendo-lhes seguidamente todos os elementos — incluindo advogado — para que os facinoras voltem para o meio da rua classificados de pessoas honestas!



SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E OFFICIOS

A. F. PINTO — *Angola e Congo.*

É um grosso e bem cuidado volume das conferencias feitas por aquelle erudito juiz sobre as questões africanas e que muito deve interessar aquelles a quem não for indifferente o nosso movimento d'além-mar.



A. C. HEREDIA — *Observações sobre a situação economica da Ilha da Madeira e sobre reforma de alfandegas.*

Deve ser muito curioso, mas ainda não tivemos coragem de entrar com elle. Para a semana leremos e fallaremos.



DAVID CORAZZI — *Bibliotheca Universal antiga e moderna.*

Publicou-se já a primeira serie, que constitue um volume de primorosos escriptos, elegantemente encadernado.



LUIZ ANTONIO GONÇALVES DE FREITAS — *Revista Illustrada.*

Continuamos a receber regularmente esta delicada publicação, que tem logar de honra nas estantes da nossa primeira sociedade.



Jornal do Domingo.

Entrou no 2.º anno da 2.ª serie este bello jornal illustrado, que se publica pontualmente todas as semanas, representando no seu genero a publicação mais perfeita e mais barata das que circulam entre nós.



Politica em bolandas

A opposição está empregando duas novas armas na batalha contra o governo.

A opposição, em pé de guerra, parece-se extraordinariamente com o nosso exercito, em pé de paz: — está sempre a mudar de armamento.

As novas armas são: as penitenciarias, que o sr. ministro da justiça pretende adquirir: e o banco hypothecario, que o sr. presidente do conselho já adquiriu.



Estes dois assumptos — banco hypothecario e penitenciarias — prendem um com o outro, o que aliás não é para admirar, visto como, entre penitenciaria e banco, existe effectivamente uma manifesta correlação.

No banco *prende-se* a propriedade: na penitenciaria *hypotheca-se* o individuo. Mais para aqui ou mais para alli, é tudo questão de prisão...



Mas vamos ao caso.

A opposição impugna a compra das penitenciarias, alegando ser dinheiro que o governo vae deitar á rua, visto que o systema penitenciario está por todos condemnado e como tal deve considerar-se por inutil.

N'este ponto tem razão a opposição.

Averiguado, como se vae averiguando, que os criminosos na nossa terra não passam d'uns pobres diabos, ensaiados no papel de criminosos pela propria policia, que lançou mão d'este expediente para com elle justificar a necessidade da sua conservação; averiguado que seja isto, não vemos que urgencia subsista então de adquirir e manter penitenciarias, quando tudo se remedia simples e economicamente com meia duzia de penitenciarias fingidas, onde os presos fingidos vão fingidamente cumprir as suas fingidas penas.



Para a questão do banco hypothecario refere-se a opposição á incompatibilidade do sr. presidente do conselho, o qual não deve, segundo ella, exercer commutativamente o logar de director do banco e de presidente do concelho.

— Ou bem que dirige o banco das hypothecas, ou bem que dirige a mesa do orçamento!

— Banco e mesa ao mesmo tempo é que não pode ser!

— Tire-se do orçamento do banco, se não quer ver eruido o phantasma da mesa do orçamento, ou levante-se da mesa se não quer que lhe appareça o espectro do banco hypothecario, que é assim como quem diz o *Banquo do Machbet* que lhe apparece á mesa!

Tambem n'este assumpto damos razão a opposição, no que respeita á deploravel situação do governo na questão de penitenciarias e banco hypothecario.

O governo não pode, na verdade, estar n'uma situação mais deploravel do que esta, de se achar entalado entre um banco hypothecario e duas penitenciarias.

Pela parte que nos toca — e constrangidos a optar ou por estas ou por aquelle — haviamos de ver-nos seriamente atrapalhados.

Que, em todo o caso, antes as duas penitenciarias — por toda a vida — de que o banco hypothecario — apenas uma vez.

Da penitenciaria ainda uma pessoa tem a esperanza de sahir no dia em que morrer.

Mas com o banco hypothecario ninguem salda as suas contas nem mesmo depois de morto.



É na proxima 2.ª feira, 26, que se realisa no theatro de S. Carlos a festa artistica de Regina Pacini.

N'essa noite o rouxinol
Pedirá que ella o ensine,
E as estrellas, lua e sol,
Pasmarão ante o pharol
Do olhar quente da Pacini!

Cam. Tavares

Salões, palcos e circos



O beneficio de João Rosa foi a primeira festa artistica da semana — como é sempre uma das primeiras entre as festas annuaes do nosso theatre.

O desempenho do difficilimo personagem de *Luiç XI* representa uma das mais completas, se-

não a mais completa, das criações feitas pelo distincto actor.

E' verdadeiramente natural e firmeza artistica com que elle mantem, durante cinco trabalhosos actos, os mais insignificantes caracteristicos d'aquelle extranho personagem!

Pode dizer-se que é esse personagem que constitue a peça, já porque elle é tão pujante que todos os ou-

tros se afiguram tacanhos, já porque effectivamente o auctor, preoccupado com a ideia de esboçar, como esboçou, um personagem de primeira ordem, não poude repartir a sua attenção pelos demais papeis, que assim ficaram relativamente descuidados.

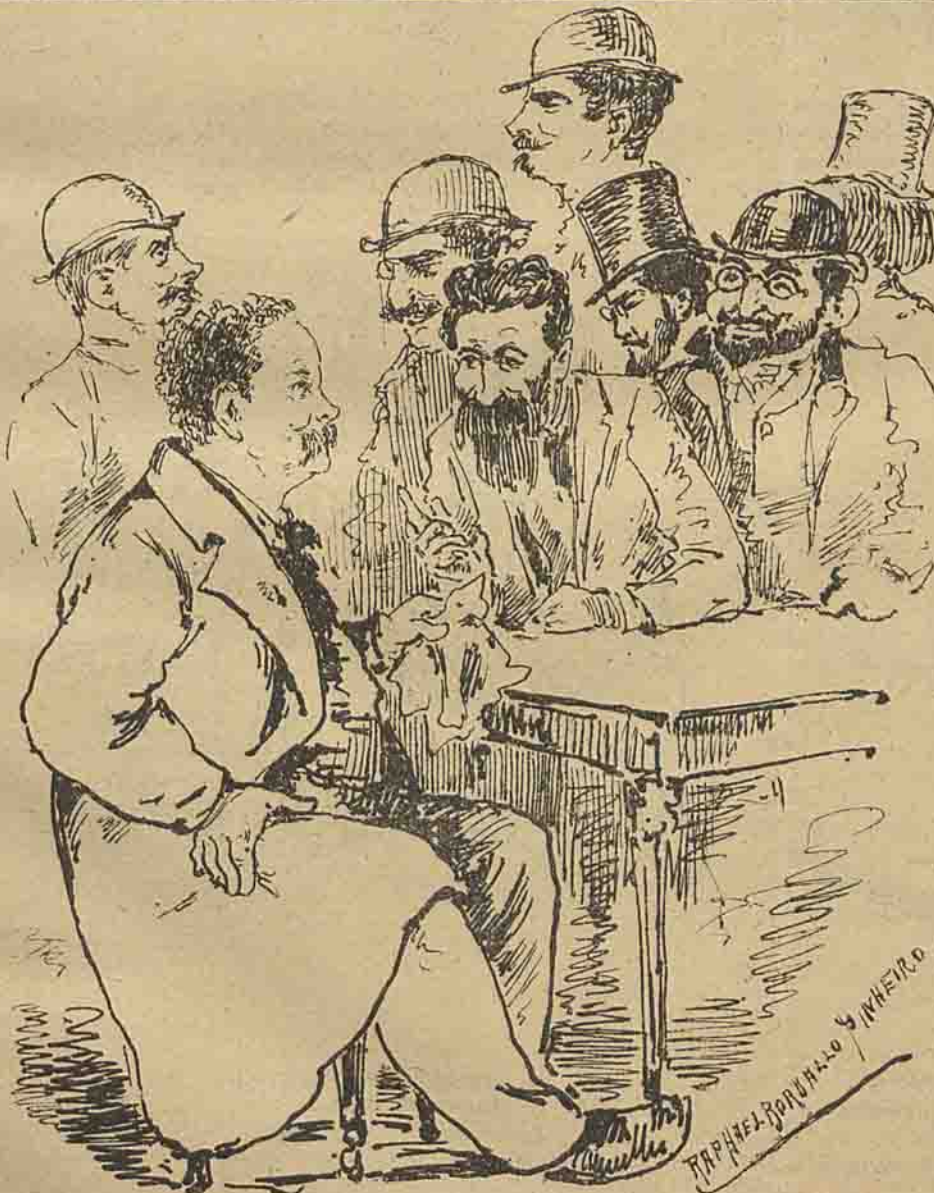


A traducção, feita em magnifico verso portuguez por Henrique Lopes de Mendonça, constitue um trabalho de subido valor litterario, que só devidamente apreciarão os que conhecerem a difficuldade enorme d'aquelle genero de trabalhos.

O distincto poeta do *Duque de Vizeu* escrupulisou quanto possivel em conservar na traducção do *Luiç XI* todas as bellezas litterarias do original, o que conseguiu, ampliando-as ainda com os formosos rendilhados da sua vasta inspiração.

Felicitando Lopes de Mendonça pelo conjunto primoroso do seu trabalho, felicitamos João Rosa pelo estudo do *Luiç XI*, cujo cabal desempenho é para lisongear as aspirações d'um grande artista.

João Sarantula



Felicitação

Nem a lua hoje se occulta,
Nem o sol hoje se apaga!
De prazer Lisboa exulta!
— Vae entrar na idade adulta
Leandro de Sousa Braga!

(Eu não estou já muito certo
D'essa idade, anno por anno;
Mas, sem qu'rer fazer de esperto,
Calculo que anda já perto
Dos quarenta — e não me engano!)

Que alegria hoje se passa,
Das artes nas varias greis!
— Como o Columbano o abraça!
O Raphael, o Villaça,
E o fistor Soar's dos Reis!

Com que prazer tudo aperta
Aquelle mão de alvos dedos:
Mão p'ra amigos sempre aberta,
É a qual fez profusa offerta
A Arte, dos seus segredos.

Pois eu cá por mim, então,
N'outra ideia me concentro:
Não basta apertar-lhe a mão:
— Vou dar-lhe um chi-coração
De metter os tampos dentro!

João Sarantula

AS 4 ESTAÇÕES



Se alguém lhe faz pé d'alferes
E a mulher, meiga, permite-o.
Este estado, p'ra as mulheres,
Chama-se: — Estado... de sitio...

Quando eile, juntinho d'ella,
Lhe beija as mãos, rosto e tudo...
Este estado, p'ra a donzella,
Quer dizer: — Estado... agudo...



Quando ella, havendo casado,
Logo engorda... e tal... adiante...
N'esse caso, um tal estado,
Chama-se: — Estado... int'ressante...



E, quando um d'outro se farte,
Se aborreça etc e tal...
Este estado, em toda a parte,
Chama-se: — Estado... normal...

Mustavo Bordallo Pinheiro